

Nota do Tradutor:

Seguindo as traduções de materiais de Andy Blunden, o que eu me comprometi a fazer desde que li seu primeiro texto, recomendo à leitura do último material traduzido¹ para uma visão mais aprofundada na conceituação lógica aqui apresentada e, principalmente, para compreensão do conceito goethiano de *Urphänomen* e sua relação com o pensamento hegeliano, e conseqüentemente, marxiano.

Referente à tradução, o texto não possui referências bibliográficas de minha parte; todas as citações foram traduzidas diretamente do texto, por serem trechos muito pequenos e auto significativos, qualquer modificação poderia afetar a semântica do texto. Também Adicionei notas de rodapé contextualizando determinados termos.

Aproveitando o espaço, faço uma observação sobre a leitura do conteúdo a seguir, originalmente publicado em fevereiro de 2018, e recomendo atenção pontual no conceito de 'projeto' e solidariedade e suas relações com o sucesso do sistema político e social chinês no combate ao COVID-19.

Capital e a práxis do socialismo

Andy Blunden²

Tradução: João Narciso³

Introdução

Se estamos falando de um Marx para os nossos tempos, temos muito o que fazer. Os processos de trabalho e a classe trabalhadora contemporânea são *muito* diferentes do que Marx conhecia!

Durante a vida de Marx, era um axioma⁴ do capitalismo que o número de "trabalhadores improdutivos" tivesse que ser reduzido ao mínimo. Em 1898, Frederick Taylor promoveu 25% dos trabalhadores da Bethlehem Steel para posições de supervisão com um aumento de 30% nos salários e obteve um grande aumento de produtividade, enquanto dividia a própria classe trabalhadora industrial em várias camadas.

O truísmo de que o fabricante obteve lucro mantendo o máximo de horas de trabalho e os salários mais baixos possíveis foi revertido em 1914 por Henry Ford, que cortou 1 hora do dia útil, dobrou os salários e ganhou muito dinheiro, enquanto isso criava uma camada corporativista dentro da classe trabalhadora industrial.

¹ Qual é a diferença entre Hegel e Marx? <https://bit.ly/36GP2HG>

² Doutor pela University College London e Membro do Marxists Internet Archive Collective.

³ Estudante de Sistemas de Informação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

⁴ Uma sentença óbvia e consensual.

Então John Maynard Keynes, abençoado seja, nos deu o estado de bem-estar social, e o que permanece até hoje no núcleo da classe trabalhadora organizada dos antigos países capitalistas, nos setores de serviços - saúde e educação e construção e manutenção de infraestrutura - aparentemente gastando e não criando mais-valia, mas, no entanto, organizada e socialista.

À medida que a reforma macroeconômica deu lugar à reforma microeconômica, a Toyota apareceu e virou Frederick Taylor de dentro para fora, passando a supervisão do trabalho de volta ao chão de fábrica e trazendo o mercado para dentro da própria empresa capitalista.

Agora temos o Google e o Facebook que empregam uma pequena equipe dos chamados analistas simbólicos para reduzir os lucros do trabalho não remunerado dos usuários de seus produtos. Enquanto isso, a maior parte do que parece ser trabalho industrial está sendo feita em países onde o processo de trabalho e a classe trabalhadora ainda se parecem muito com o que ocorreu na Europa durante a vida de Marx.

Apenas duas coisas permanecem as mesmas: o grande obstáculo - o capital e seu inimigo e a classe trabalhadora organizada. Mas essa classe trabalhadora é *tão* diferente.

I. Goethe, Hegel, Marx, Vygotsky

Minha palestra será em duas partes. Na primeira parte da palestra, quero apresentar uma visão metodológica que extraí da *Capital* de Marx e, em seguida, na segunda parte, usar essa visão para abordar os imperativos ético-políticos atuais.

Trabalhando desde o presente até o passado, foi a ideia de “unidade de análise” de Lev Vygotsky que me colocou nos trilhos. Havia muita confusão entre os seguidores de Vygotsky sobre o que isso significava. Cheguei a entendê-lo rastreando-o de volta às suas origens em Marx, Hegel e Goethe. Então, agora vou contar essa história, muito brevemente, da maneira tradicional, do passado até o presente.

Goethe, Hegel, Marx e Vygotsky fazem parte de uma linha de pensadores que, à sua maneira e no seu tempo, procuraram entender os processos *como um todo* e fizeram da concepção do todo o ponto de partida para a reconstrução do concreto. Fácil de dizer, não é? mas como é *que* vamos entender algo como um todo? De que forma se assume uma concepção do todo e como essa concepção é alcançada? Nossa tarefa é nos colocar nessa tradição na luta pelo socialismo.

A descoberta de Goethe, apresentada pela primeira vez em 1787, foi o fenômeno arquetípico, ou *Urphänomen* - a coisa mais simples e observável que exhibe as características essenciais de todo o processo.

Hegel descreveu desta maneira em uma carta de 1821 a Goethe:

O que é simples e abstrato, o que chamamos de *Urphänomen*, você coloca desde o início. Você então mostra como a intervenção de outras esferas de influência e circunstâncias gera os fenômenos concretos e regula toda a progressão para que a

sucessão prossegue de condições simples para mais compostas e para que o complexo agora apareça com total clareza por meio dessa decomposição. Para descobrir *Urphänomen*, libertá-lo dos outros ambientes acidentais e apreender como dizemos abstratamente - considero isso uma questão de inteligência espiritual para a natureza, assim como geralmente faço esse curso para ser o verdadeiro conhecimento científico neste campo.

O insight de Goethe foi realizado na teoria das células, mas a teoria moderna das células se desenvolveu apenas na década de 1830; os microscópios não eram suficientemente poderosos nos tempos de Goethe para revelar a microestrutura complexa dos organismos. O objetivo de Goethe era descobrir o *Urphänomen* pelo que ele chamava de 'empirismo delicado', que envolvia o treinamento dos sentidos, imergindo-se no assunto, retendo julgamento ou hipótese, sem procurar forças invisíveis por trás dos fenômenos - apenas o próprio fenômeno.

Mas esse tipo de intuição intelectual Hegel não pôde aceitar. Hegel exigiu que o desenvolvimento fosse compreendido *racionalmente*, o que implica em apreender o processo não como um fenômeno, mas como um *conceito*.

Consequentemente, o *Urphänomen*, ou fenômeno arquetípico, passou por uma espécie de transformação na apropriação de Hegel, na qual se tornou o conceito abstrato, ou *Urbegriff* (essa é a minha palavra, não a de Hegel), que se desenvolve do abstrato para o concreto, exatamente como Hegel descreveu. em sua carta a Goethe.

Marx se apropriou dessa ideia de Hegel, mas nas mãos de Marx o *Urphänomen* foi novamente revirado. Na passagem dos *Grundrisse*, conhecida como "O método da economia política", Marx recapitula o mesmo processo de escavar o conceito abstrato e depois subir do abstrato para o concreto, reconstruindo o concreto como "a concentração de muitas determinações, daí unidade dos diversos." Mas há um ponto importante de distinção e ao qual devo chamar atenção.

Em seu Prefácio ao *Capital*, Marx diz que "na sociedade burguesa, a forma de mercadoria do produto do trabalho - ou a forma de valor da mercadoria - é a forma de célula econômica". Mas ele faz um esclarecimento importante em suas Notas sobre Wagner, de 1881: "Eu não procedo do 'conceito de valor' ... O que procedo é a forma social mais simples na qual o produto do trabalho se apresenta na sociedade contemporânea, e isso é a 'mercadoria'."

Enquanto a riqueza se apresenta na forma de mercadorias, as pessoas são forçadas a trocar mercadorias para viver. Assim, Marx dá o primeiro lugar ao *artefato* mediador, as condições materiais. Mas:

A coincidência da mudança de circunstâncias e da atividade humana ou mudança própria pode ser concebida e racionalmente entendida apenas como prática revolucionária.

Podemos ver que o *Urphänomen* que se tornou o *Urbegriff* agora foi transformado por Marx na *Urpraxis*, a unidade mais simples de prática que exhibe as características essenciais de toda a sociedade burguesa - trocando mercadorias. A prática altera as condições materiais, que restringem e possibilitam a prática, que por sua vez transforma as condições do trabalho, e assim por diante.

Ao passar de uma teoria da reprodução social da sociedade burguesa para uma teoria da derrubada prática do capitalismo, exigimos uma teoria da práxis. Nesse espírito, lemos o *Capital* como o começo da *prática* simples e mediada por artefatos de *trocar produtos de laboratório*.

No capítulo 4 do *Capital*, Marx mostra como a célula M – D – M (troca de mercadorias mediada por dinheiro) é invertida em em D – M – D (produção de mercadorias que mediam a acumulação de dinheiro) e um novo processo de ascensão do abstrato ao concreto é iniciado a partir da unidade de capital, a empresa capitalista, comprando para revender com lucro.

Então, nós temos *duas* unidades.

Goethe esperava determinar o *Urphänomen* por meio de seu 'delicado empirismo', e Hegel esperava tornar inteligíveis as práticas sociais e a história por meio de uma crítica lógica, por exemplo, reconstruindo uma ideia concreta do estado moderno com base na *liberdade*: a forma social mais simples de liberdade sendo *propriedade privada* - o *Urbegriff* da liberdade e o Estado como a forma social da liberdade concreta.

Marx fez do *Urphänomen* de sua ciência um *ato real de prática social*, não uma prática social imaginada, mas cujas normas *já* haviam *sido* produzidas pelo desenvolvimento da sociedade burguesa e poderiam ser objeto de observação, experiência visceral e intervenção. Ao inverter o *Urphänomen* de Hegel, Marx recuperou um elemento importante do *Urphänomen* de Goethe.

Parte II.

Agora chego à segunda parte da minha palestra.

Nem Goethe, nem Hegel nem Marx estavam falando apenas sobre um método teórico a ser aplicado ao assunto; todos alegaram que o próprio processo social funcionava dessa maneira. Assim um estudo do processo social e, em particular, a participação na luta pela mudança social e a intervenção nos processos sociais deve revelar-nos a lógica da vida social e, em particular, a *Urpraxis* da mudança social, e esse conceito nos fornece o guia para entender o socialismo no momento atual.

Meu estudo sobre as correntes contemporâneas da teoria social me levou a concluir que, para a solução do problema do socialismo, é necessário escolher uma unidade de análise e que essa unidade deve ser uma *Urpraxis*. A unidade usual de análise da teoria social - grupos sociais de um tipo ou de outro, serve apenas para descrever a reprodução social e não pode revelar a dinâmica da *mudança social*; teorias baseadas no indivíduo como uma unidade de análise não são dignas do nome teoria social. Além disso, toda a ciência humana contemporânea é afetada pela departamentalização da academia, que reflete a ruptura da visão moderna do mundo em grandes forças; instituições sociais de um lado, e indivíduos e

suas famílias do outro, organizando as espreguiçadeiras do Titanic social⁵. A revolução social exige que essa dicotomia seja transcendida. Como indiquei acima, encontrei o que precisava não na teoria social, mas na psicologia cultural, especificamente, na vertente da teoria fundada no início da União Soviética por Lev Vygotsky.

A unidade de análise que eu uso para entender a vida social em geral e as mudanças revolucionárias em particular é o *Projeto Colaborativo*, ou "projeto", abreviado. Um projeto não é um agregado de pessoas, mas de ações, ações explicitamente *mediadas por artefatos*. Então, assim como Marx usou duas unidades de análise: troca de mercadorias, M-D-M e a compra para revenda com lucro, D-M-D; eu uso tanto uma micro unidade, ações mediadas por artefatos, e uma unidade molar, projetos colaborativos. Psicologia Cultural é a ciência que lida com ações mediadas por artefatos e não quero falar mais sobre isso no momento.

No entanto, o que é proposto pela adoção do projeto colaborativo como unidade de análise são dois estudos inter-relacionados, que quase nem são embrionários em seu desenvolvimento: o estudo da *dinâmica interna de projetos colaborativos* e o estudo da *colaboração entre projetos*, tanto conflituosos quanto cooperativos. É sobre esse problema, nas relações entre os projetos, que acredito que o futuro do socialismo repousa.

'Projeto' não é de forma alguma um conceito esotérico nos dias de hoje, na verdade está até na moda. Meu significado difere do conceito cotidiano apenas no fato de eu não incluir ações individuais como projetos, o que é parte da razão pela qual digo projetos "colaborativos". Quase sempre, as pessoas *participam de* projetos e raramente têm o privilégio de lançá-lo. É apenas pela participação em projetos que uma pessoa afeta qualquer coisa neste mundo.

Os projetos não são eternos, mas têm um ciclo de vida: eles começam com um grupo de pessoas inconscientemente compartilhando uma posição social de algum tipo para a qual surge um problema ou oportunidade; é lançada uma solução que une as pessoas para participar e se torna um movimento social; estratégias, táticas e objetivos mudam e, subseqüentemente, o projeto murcha ou um conceito adequado é formado e se institucionaliza, e o conceito em torno do qual ele se mobiliza entra na cultura cotidiana da comunidade em questão. Hegel descreveu esse processo em detalhes em sua lógica.

A relevância do projeto colaborativo como uma unidade de mudança social hoje, neste momento, reflete os desenvolvimentos nas próprias forças produtivas. Assim como os partidos se tornaram ineficazes em promover mudanças sociais fundamentais, as empresas capitalistas mudaram de forma de maneira a refletir as demandas em mudança de nossos tempos. A própria esquerda já se parece com tantos projetos independentes. Essa é a vida! O partido comunista que foi capaz de coordenar a atividade de milhões de membros desapareceu há muito, muito tempo, junto com a grande empresa capitalista que empregava diretamente todas as pessoas que trabalhavam para isso. Os projetos se *tornaram* a verdadeira unidade de formação social, não na teoria, mas na realidade social.

⁵ Algo inútil e insignificante para a história e que logo será superado.

Um projeto é uma colaboração. Eu chamo os projetos de "colaborativos" porque, em projetos, um número de indivíduos autônomos colabora para o fim universal, embora em constante mudança. Mas o aspecto mais importante da colaboração é o *entre* projetos. A colaboração, *como tal*, significa que os projetos se fundem em um esforço comum e compartilham uma identidade comum. A colaboração entre os projetos nos quais a identidade separada é mantida inclui: colonização (ou filantropia), troca (ou negociação) e *solidariedade*. (Observe que a solidariedade aqui não tem nada a ver com Durkheim ou Weber).

Fiz um estudo modesto de algumas colaborações como tais. Isso inclui a luta contra a AIDS na Austrália, que foi uma colaboração entre o movimento dos Direitos dos Gays (que também mobilizou profissionais do sexo e usuários de drogas), as instituições de Ciências Médicas e um grupo dentro do Hawk Government⁶. Foi uma luta bem-sucedida e um exemplo internacional, impossível sem essa colaboração.

Além disso, houve a luta para proibir o amianto na Austrália. A indústria do amianto havia agraciado cientistas médicos, autoridades reguladoras e ministros do governo, mas essa formação foi derrotada por uma colaboração entre sindicatos e profissionais de saúde do Movimento da Saúde do Trabalhador, que garantiu a colaboração de alguns jornalistas, escritórios de advocacia trabalhista e vítimas de auto-ajuda. grupos. Mais uma vez, apenas essa colaboração poderia ter mudado a mente das pessoas e livrar a Austrália desse comércio mortal. É preciso haver mais desses estudos, mas mais importante, mais desses projetos colaborativos.

O que quero dizer é o seguinte: as pessoas vão participar de projetos e dar o melhor de si. O problema é que temos que *aprender* a colaborar com outros projetos. Acima de tudo, temos que aprender o significado da solidariedade. É somente isso que o futuro do socialismo depende.

Como as Regras da Associação Internacional dos Trabalhadores declararam em 1864:

Que todos os esforços que visavam o grande fim até então fracassaram pela falta de solidariedade entre as múltiplas divisões do trabalho em cada país e da ausência de um vínculo fraterno de união entre as classes trabalhadoras de diferentes países.

Os trabalhadores franceses haviam inventado a palavra *solidariedade* nas barricadas de Paris nos primeiros levantes da classe trabalhadora contra a burguesia. Os Franceses haviam aprendido da maneira mais difícil que, sem solidariedade, o exército poderia derrotá-los uma barricada por vez, como fizeram em 1832. Em 1848, Movimento Cartista, que uniu 5/6 da população da Grã-Bretanha contra a classe capitalista dominante também haviam aprendido a lição da maneira mais difícil.

"Solidariedade" entrou no idioma inglês do francês na Convenção Chartist em Londres em abril de 1848, popularizada pelo *The People's Paper* de Ernest Jones e Julian Harney - líderes

⁶ Governo executivo federal da Austrália liderado por Bob Hawke, durou entre 1983 e 1991.

da ala de esquerda dos Cartistas e fundadores da Liga Comunista, para quem Marx e Engels escreveram o *Manifesto do Partido Comunista*.

O Regulamento da Associação Internacional dos Trabalhadores começou com a máxima: "a emancipação das classes trabalhadoras deve ser conquistada pelas próprias classes trabalhadoras". Esses dois princípios: auto-emancipação e solidariedade, juntos, tornam os fundamentos irreduzíveis e inseparáveis do movimento operário.

Essa auto-emancipação é necessária e quase auto-evidente; se a classe trabalhadora deve assumir o poder público e político, ela só pode aprender e equipar-se para essa tarefa através do trabalho de libertar-se e abolir as condições de sua própria exploração. Ninguém pode fazer isso em seu nome. Auto-emancipação é auto-criação, a maneira pela qual a autoconsciência da classe trabalhadora é efetivamente construída. Sem auto-emancipação não pode haver classe trabalhadora, apenas bilhões de trabalhadores assalariados, socialmente e politicamente controlados pelo capital.

O oposto da auto-emancipação é alcançar a liberdade como presente da outra parte. Tal coisa é realmente impossível; uma classe que é libertada pela ação de outra classe ou grupo é apenas assim subordinada aos seus libertadores, mesmo que sejam bem-intencionados. Então, como é que pode um grupo socialista promover a libertação da classe trabalhadora se a libertação da classe trabalhadora deve ser *sua própria* conquista? A resposta para esse enigma está no princípio da *solidariedade*.

A necessidade de solidariedade decorre do fato de que a classe trabalhadora não chega ao mundo pronta como um estrato único, homogêneo e organizado da sociedade. Pelo contrário, ela vem ao mundo dividida em estratos, ofícios, grupos nacionais, religiosos e étnicos, e se espalha pelo mundo em numerosas comunidades culturais e lingüísticas, e como observei, a classe trabalhadora se tornou mais e menos menos diversificada desde então. As energias são dissipadas em inúmeros projetos, muitos dos quais contribuem de alguma forma para o projeto socialista, mas de forma independente e frequentemente em conflito com outros projetos.

A classe trabalhadora moderna pode realizar sua própria emancipação apenas pela colaboração desses projetos díspares. Os objetivos e métodos dos projetos serão diferentes, mas a autonomia de todo projeto dentro de um amplo movimento permanece até que, em algum momento futuro, eles possam criar e se submeter voluntariamente a uma disciplina compartilhada.

Quando um grupo se vê sob ataque, *desde que revide*, outros têm o dever de ajudá-lo. Esse dever e sua prática são chamados de 'solidariedade'. Os resultados da solidariedade são triplos. Em primeiro lugar, como resultado da ajuda recebida de outros, o grupo em dificuldades pode sobreviver. Em segundo lugar, eles aprendem quem são seus amigos e, chegando a sua hora de necessidade, jamais esquecerão isso.

Mas o mais importante é que, através de sua luta, ela seja bem-sucedida ou não, sua autoconsciência coletiva, sua autoconfiança e seus interesses público são aprimorados.

No entanto, este não é automaticamente o caso; às vezes 'ajudar' alguém é uma violação da solidariedade. Se outro grupo vier e os "salvar", o grupo "resgatado" poderá ser grato, mas sua autoconsciência da classe trabalhadora não será aprimorada, mas, na melhor das hipóteses, incluída na do grupo de resgate que, em qualquer caso, com frequência, causa mais danos do que ajuda.

O princípio da solidariedade, que orienta como diferentes seções do movimento dos trabalhadores ajuda um ao outro, pode evitar esses perigos e garantir que a autoconsciência, tanto do partido que luta quanto do partido que oferece solidariedade, seja aprimorada no próprio processo de aproximá-los.

É uma regra simples:

quando vier em auxílio de outra parte, faça-o sob a direção *deles*.

Você faz do jeito deles, não do seu jeito. Se suas próprias crenças são tais que você não pode se colocar sob a direção deles, se você acredita que eles são tão equivocados, a solidariedade é impossível. Mas se eles podem contribuir de alguma forma para o socialismo, é importante garantir que não sejam derrotados, e você certamente conseguirá encontrar *uma* maneira de apoiá-los de acordo com suas próprias práticas. Isso pode ser doando para o fundo de combate ou enviando uma mensagem de solidariedade ou qualquer outra coisa. Mas se você vai participar da luta de outra seção do movimento operário, o princípio da solidariedade exige que você o faça *sob a direção deles*. A classe trabalhadora é unificada por associação voluntária, não por conquista ou mesmo persuasão.

Para ser claro, não estou pedindo uma unidade à esquerda. Isso não é possível, nem realmente desejável. Preparar e construir um movimento que pode derrubar o capitalismo e melhorar algo é a tarefa mais complexa que se pode imaginar e não é planejada ou dirigida. É diverso, com muitos centros. Mas também não estou fazendo um apelo anarquista e libertário por auto-expressão e multiplicidade

Temos que ensinar as pessoas a colaborar; temos que ensinar as pessoas a praticar a solidariedade. As pessoas farão o que quiserem. Se as pessoas não estão lutando por justiça social, não há nada que possamos fazer para tornar isso realidade. Não podemos acelerar o *Zeitgeist*. O trabalho dos marxistas é mostrar às pessoas como a prática da solidariedade constrói um movimento de auto-emancipação.

Um mundo em que a solidariedade é universal já é socialismo.

Para deixar claro, novamente, não estou defendendo um movimento solto de diversos projetos. Isso é o que já existe. Não estou a argumentar contra a construção de um partido para ganhar lugares no Parlamento; Não estou argumentando contra a construção de um diário mensal da teoria marxista, ou um grupo de ação direta que se oponha aos despejos ou um grupo antifascista para defender as comunidades contra o racismo, ou a construção de um grupo de revolucionários profissionais. Tudo isso faz parte da luta pelo socialismo. Não se

trata de um ou de outro, mas de como uni-los em laços de solidariedade. E, no momento, os jovens nem sabem o significado da palavra.

Mas é a *solidariedade* que é a *Urpraxis* do projeto socialista.

Trabalhos e palestras relacionadas

Activity as Project: The Case of Asbestos Solidarity

Paradigms of Collective Decision Making Goethe, Hegel and Marx

‘Collaborative Project’ as a Concept for Interdisciplinary Human Science Research Hegel on Action

A note on *Capital* and Praxis

[Toward a Discourse Ethic of Solidarity](#) by Nancy Fraser.